



CLÁUDIA PEREIRA

Bacharel em Sociologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, com pós-graduação em Antropologia pela UNB. Em 1981, associou-se à Candango Promoções Artísticas através da qual produziu, dirigiu, roteirizou e atuou em filmes, peças teatrais e shows musicais. Em 1991, fundou a Gabinete C, agência de propaganda que este ano comemora 20 anos criando campanhas publicitárias premiadas e consolidando marcas fortes.

cpereira@brasiliamdia.com.br

MAIS UM GESTO DE VANDALISMO FOI PRATICADO EM BRASÍLIA.

UMA ESCULTURA DE ANTONY GORMLEY FOI DERRUBADA, COBERTA DE PRETO E ENTERRADA.

O QUE COMEÇOU COMO UMA REFLEXÃO SOBRE NÓS MESMOS ACABOU NUM GESTO MACABRO.

COMO É POSSÍVEL QUE A CIDADE QUE NASCEU DO DESEJO COLETIVO DE BEM-ESTAR VENHA SE TRANSFORMANDO NUM LUGAR CARREGADO DE PRECONCEITO E RANCOR?



VANDALISMO Abro os jornais e me deparo com mais um gesto de vandalismo praticado em Brasília. Desta vez, a vítima é uma obra de arte. Uma das esculturas de ferro, da mostra *Corpos Presentes*, do artista britânico Antony Gormley, foi derrubada, coberta com lona preta e colocada numa vala como se ali estivesse um corpo enterrado. O curador da mostra, Marcello Dantas, disse que no Rio e em São Paulo as esculturas sofreram interferências da população, mas nada com esta violência. No Rio, ele diz, "(...) colocaram camisinha na estátua. Em São Paulo, vestiram a camisa do Corinthians e colocaram uma caixinha de esmola. Isso é esperado, mas derrubar e enterrar a obra é diferente. Perdeu o humor".

ESPAÇOS ABERTOS A estátua, que é uma réplica do corpo nu do artista e pesa 630 kg, faz parte da exposição *Still Being*, aberta na última segunda-feira, no CCBB de Brasília. Formada por 60 esculturas, feitas a partir de moldes do próprio corpo do seu criador, quatro delas foram instaladas em espaços abertos da cidade – Rodoviária do Plano Piloto, Ponte JK, entre o Palácio da Justiça e o Palácio do Planalto e em frente ao Itamaraty. Nos primeiros instantes, elas divertiram o público, especialmente na Rodoviária, onde os passantes tiraram fotos e tocaram-na, particularmente na parte que representa o órgão sexual masculino.

PENSAR SOBRE NÓS MESMOS O que começou como uma reflexão sobre a maneira como ocupamos os espaços e como pensamos sobre nós mesmos e até divertiu o público, acabou se transformando num gesto macabro. Derrubar, cobrir de plástico preto e enterrar uma escultura revela um pensamento doente. Um ato que nos leva a relembrar alguns fatos violentos que marcaram e continuam marcando Brasília. O índio queimado, o alto índice de sequestros relâmpagos, a crescente violência que cerca o Plano Piloto, a destruição do boneco símbolo da Copa do Mundo no Brasil, o impedimento, pelos moradores, da construção de escolas públicas no Sudoeste. Tudo isso representa gestos que não combinam com a cidade modernista. Mas demonstram um sério desvio nos ideais que moldaram esta cidade que nasceu sob o signo da solidariedade e do esforço coletivo.

SIM E NÃO Dia desses, um amigo me perguntou se eu gostava de Brasília. O primeiro impulso foi dizer sim, o segundo foi dizer não e o terceiro e racionalizado pensamento nasceu de uma híbrida formulação construída entre o sim e o não. O sim veio embalado por lembranças fortes e belas que exprimiam um sentimento de terra prometida. Um lugar ousado, moderno e carregado de sonhos e esperança. O não expressava uma perplexidade com os descaminhos que a utopia modernista tomou e as graves consequências que macularam e distorceram o sonho desenvolvimentista nacional.

BRASILEIROS APAIXONADOS Relembrei com saudades de brasileiros apaixonados pelo Brasil, como Anísio Teixeira, Lucio Costa, Juscelino Kubitschek, Oscar Niemeyer, Darcy Ribeiro, Paulo Emílio Sales Gomes, Gustavo Capanema, Rodrigo de Melo Franco, Mário de Andrade, entre tantos homens e mulheres, que, ao longo do século 20, pensaram e trabalharam a construção de um país próspero, criativo, inovador, leve e humano. Um desenvolvimento com alma de artista, escolas com respeito ao talento das crianças, uma saúde pública preventiva e consciente, uma universidade capaz de pensar e criar caminhos para o Brasil, enfim, um modelo de política pública voltada para os nós brasileiros, para a nossa cultura e a nossa história.

DESCONSTRUÇÃO Na visão do artista Antony Gormley, "(...) sua obra existe para revelar a energia que está no ar naquela região (...) cabe a cada sociedade refletir o que ela realmente deseja". As palavras de Gormley remeteram-me à pergunta do meu amigo e me levaram a mais uma reflexão: como é possível que a cidade que nasceu do desejo coletivo de bem-estar e de oportunidades venha se transformando, dia a dia, num lugar violento, carregado de preconceito e rancor? A meu ver, quiseram desconstruir Brasília e transformá-la numa cidade como outra qualquer.

IMEDIATISMO Em nome do pragmatismo – esta praga que alimenta governos, partidos políticos e líderes –, rasgaram a cartilha original e ignoraram os seus preceitos. Passaram a agir de forma imediatista, sem visão de futuro, sem prever as consequências. Ignoraram uma das maiores conquistas do século 20, o planejamento. Esqueceram-se que uma sociedade precisa de rotas, rumos e princípios. Valores que norteiem a boa convivência, a cidadania e a consciência.

HOMEM FELIZ É sempre bom lembrar que Brasília não é apenas uma obra monumental, mas, principalmente, um processo civilizatório nacional. Como escreveu Oscar Niemeyer: "(...) espero que Brasília seja uma cidade de homens felizes; homens que sintam a vida em toda a sua plenitude, em toda a sua fragilidade; homens que compreendam o valor das coisas simples e puras – um gesto, uma palavra de afeto e de solidariedade".